

UMA PROPOSTA DE LEITURA DO MUNDO SEISCENTISTA: A AÇÃO DA *GAZETA* “DA RESTAURAÇÃO” (1641-1647)¹

A READING OF THE 16TH CENTURY: THE ACTION OF THE NEWSPAPER “DA RESTAURAÇÃO” (1641-1647)

Jorge Pedro Sousa*

RESUMO

Argumenta-se neste trabalho, baseado numa análise qualitativa histórico-cultural do discurso com ênfase na ideia de *enquadramento*, que a *Gazeta* “da Restauração”, primeiro periódico português, publicado entre 1641 e 1647, propôs aos seus leitores uma visão do mundo alinhada com a causa da restauração da independência de Portugal, após 60 anos de monarquia dual com Castela (1580-1640).

Palavras-chave: Portugal. História do jornalismo. Análise histórica do discurso. *Gazeta* “da Restauração”. Independência de Portugal.

ABSTRACT

Based on a qualitative, historical and cultural discourse analysis with emphasis on the idea of *framing*, this paper argues that the *Gazeta* “da Restauração”, first Portuguese newspaper, published between 1641 and 16467, offered its readers a vision of the world aligned with the cause of the restorations of the independence of Portugal after 60 years of dual monarchy with Castile (1580-1640).

Keywords: Portugal. Journalism history. Historical discourse analysis. *Gazeta* “da Restauração”. Portugal independence.

Introdução

A *Gazeta*, primeiro periódico noticioso português conhecido, foi alcunhada “da Restauração” por ter sido publicada durante o conturbado período que se seguiu à secessão de Portugal dos domínios dos monarcas de Espanha e à recuperação da inde-

pendência, a 1 de dezembro de 1640. Embora nem sempre tenha tido uma periodicidade certa, pode considerar-se uma publicação periódica no sentido de que foram publicados sucessivamente (pelo menos) 37 números ao longo de seis anos, entre novem-

¹ Pesquisa apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e com co-financiamento da União Europeia através do QREN, programa COMPETE, fundos FEDER. Projecto PTDC / CCI-JOR/110038/2009 e FCOMP-01-0124-FEDER-0114347.

* Professor catedrático e pesquisador da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) e do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Lisboa, Portugal), livre-docente (agregado), pós-doutor e doutor em Jornalismo. Email: jorgepedrosousa@gmail.com

bro de 1641 e setembro de 1647, possibilitando ao público o consumo de novas informações com alguma regularidade. Com o jornalismo periódico, os leitores habituaram-se a esperar, expectantes, por uma nova publicação num determinado período de tempo

e a adquirir o hábito de a comprar, pelo que se pode afirmar que a periodicidade foi um dos fatores que contribuíram para a institucionalização social do jornalismo, em Portugal e no resto do mundo.

Figura 1 – O primeiro número da Gazeta “da Restauração” apresentava frontispício, que se perde logo no segundo número. A partir de outubro de 1642, a Gazeta torna-se na Gazeta de Novas Fora do Reyno, passando a publicar quase somente notícias internacionais extraídas dos periódicos europeus e em especial da Gazette de França. A partir de abril de 1643, a maioria dos números apresenta uma chamada para a informação mais importante, em jeito de “manchete” (no número de janeiro de 1645, que serve de exemplo, a chamada focalizava-se nas cerimónias de entronização de um novo papa).



A *Gazeta* “da Restauração” apresentava-se em formato de *in-quarto* (sensivelmente o atual formato A5). O primeiro número tem frontispício, mas os restantes já não, o que demonstra que o periódico se afastava do *design* dos livros para se aproximar do *design* dos jornais. O primeiro número da *Gazeta* é, assim, o único a ter um título longo (*Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve Nesta Corte e Que Vieram de Várias Partes no Mês de Novembro de 1641*), bem como o único a referir o impressor na página 1. Os restantes números são unicamente encimados pela menção “*Gazeta do Mês de...*”, sendo que, a partir de abril de 1643, logo a seguir ao título da publicação aparece, com frequência, uma chamada de atenção para a notícia vista como mais importante, evidenciando que a ideia da *manchete* tem antecedentes históricos. Assim, além da denominação, as gazetas passam a incluir a informação “*Gazeta do*

Mês Tal na Qual se Relata [ou expressão semelhante, seguida da informação mais relevante]...”.

A *Gazeta* afirmou-se, ao longo dos seus anos de publicação, como um jornal, providenciando, assim, uma *narrativa pública*, periódica, “contínua”, sobre a marcha do mundo. Ao fazê-lo, ao selecionar o que era digno de figurar nas suas páginas, ao expressar determinadas posições e sentimentos, ao usar determinados vocábulos, expressões e figuras de estilo, ao alimentar mitos e estereótipos, a *Gazeta* mostrou o mundo de uma maneira e não de outra. Em suma, a *Gazeta emoldurou* o mundo que apresentou aos seus leitores segundo um determinado *enquadramento*.

Para terem e produzirem sentido num determinado contexto, os discursos jornalísticos propõem, efetivamente, determinadas formas de olhar para o mundo, ou seja, de *enquadrar* o mundo. Os enqua-

dramentos revelam-se, em primeiro lugar, no que é dito, no que não é dito (e que se pode ou não intuir) e no que está implícito (SOUSA, 2005), na organização do discurso (GOFFMAN, 1975), nas sugestões implícitas ou explícitas sobre o que está em causa (GAMSON, 1989), nos padrões de apresentação, seleção, ênfase, exclusão e interpretação (GITLIN, 1980), nas metáforas, frases feitas e exemplos e no encaixe das novidades em velhas molduras interpretativas (TRAQUINA, 2002).

Para alguns leitores, os enquadramentos que a *Gazeta* sugeriu para o mundo possivelmente reforçaram as suas convicções. Outros leitores, certamente, rejeitaram a mundividência sugerida por esse periódico, cuja vocação eminentemente jornalística não deixa, apesar de tudo, apagar o seu comprometimento com as posições das elites dirigentes do país, que lutavam pela restauração da independência do Reino de Portugal após 60 anos de união com Castela (1580-1640).

O estudo desenvolvido neste trabalho tem por objetivo expor alguns dos elementos sobre a forma como o primeiro periódico noticioso português sugeriu aos seus leitores uma *leitura do mundo*. Ou seja, pretende responder à questão: que imagem do mundo deu a *Gazeta* aos seus leitores e que imagem nos dá, a nós, no presente, do mundo seiscentista visto a partir de Portugal? Para esse efeito, recorreu-se à análise do discurso qualitativa com ênfase na referida ideia de *enquadramento*. Procedeu-se, portanto, a uma análise heurística do discurso da *Gazeta*, com um enfoque culturoológico. Isto é, tentou-se explicar o discurso da *Gazeta* à luz do *background* cultural da época.

A ênfase colocada numa interpretação culturoológica do discurso da *Gazeta* não pretende reduzi-lo a uma simples repetição de mitos, estereótipos, lendas e géneros eternos (Lule, 2001). Além disso, a interpretação cultural do discurso da *Gazeta* também implica reconhecer que esse discurso não pode ser equacionado unicamente em termos da dialética poder/resistência (FAIRCLOUGH, 1995 a; 1995 b), nem da dialética inclusão/exclusão (FOUCAULT, 1970/1997; 1975/1999), nem das relações de força dentro do campo jornalístico e dos campos que o cercam (BOURDIEU, 1984), embora se possa admitir que algumas dessas ideias podem contribuir para uma clarificação dos resultados e para o apuramento

das causas dos fenómenos discursivos materializados na *Gazeta*.

Ao adotar-se uma perspetiva histórico-cultural na interpretação dos dados, pretende-se, predominantemente, determinar até que ponto o conhecimento categorizado que a *Gazeta* deu do mundo reflete, simultaneamente, as circunstâncias da época e as preocupações e desejos dos enunciadores e dos atores e instituições sociais que com eles interagem. É exclusivamente nessas aceções que nos socorremos de autores como Schudson (1988; 1996; 2000) e Carey (1975; 2000), para os quais, num determinado momento histórico, uma determinada sociedade, com determinada cultura, somente percebe como “notícia” os fenómenos que encaixam na categoria “notícia”, construída em função dos padrões culturais com que essa mesma sociedade olha para o mundo. Por outras palavras, os discursos jornalísticos são o resultado visível da atividade de enunciadores posicionados num determinado contexto histórico e sociocultural. Assim, cada discurso jornalístico é elaborado *porque produz sentido* nesse contexto e *de forma a produzir sentido* dentro desse mesmo contexto.

Que enquadramentos para o mundo propôs pois a *Gazeta* e como pode a leitura que sugeriu do mundo ser explicada culturologicamente?

O enquadramento do mundo seiscentista pela *Gazeta* “da Restauração”

Para se perceberem os enquadramentos que a *Gazeta* sugere para o mundo, atente-se nos seguintes fragmentos de textos que evocam o estado do mundo conforme era percebido pelos portugueses de seiscentos.

Enquadramento 1

Um mundo em guerra

O general Martim Afonso de Melo (...) juntou (...) 3000 e tantos homens e a 27 de Outubro saiu da cidade de Elvas. no dia seguinte, pela manhã, chegou a Valverde. (...) Acudiram todos à defesa. Preveniram-se os nossos para o assalto, investiram e ganharam logo a primeira e segunda trincheiras, e arrimando escadas entraram na vila, na qual não havia rua que não tivesse a entrada defendida por

uma peça de artilharia. Porém, os nossos romperam [as defesas inimigas] e destruíram tudo. Os inimigos retiraram-se para uma Igreja, ao pé da qual havia um reduto onde se defenderam valorosamente. E estando já os nossos ao pé da terceira trincheira, e o lugar quase rendido, houve da nossa parte quem gritou que retirassem, e cuidando todos que era ordem do general obedeceram, e cessou a destruição, que foi tão grande que não ficou em qualquer lugar casa alguma que os soldados não saqueassem e o que não puderam trazer ou despedaçaram ou lhe puseram fogo. Tornaram enfim para Elvas alegres com a vitória e deixaram na vila mortos mais de 400 castelhanos, entre os quais morreu o comissário da cavalaria. Trouxeram 55 prisioneiros, tomaram três bandeiras e muitos despojos. Da nossa parte morreram pouco mais de trinta homens (Novembro de 1641).

Enquadramento 2

Um mundo em que a diplomacia fazia o seu papel e em que a causa independentista portuguesa e a legitimidade da aclamação de D. João IV eram propagandeadas além-fronteiras

O bispo de Lamego está já em Roma e o que se passou na viagem foi o que se segue. Desembarcou em La Rochelle (...). Daqui passou a Paris (...). Logo partiu para Sain Germáin para ver o Cristianíssimo (...). Depois foi à Picardia onde naquele tempo estava Sua Majestade pedir-lhe licença para passar adiante. (...) Entrou em Avignon e ao cabo de três dias foi a Aix. Aqui se deteve e passou a Tolon, em cujo porto encontrou uma nau que, por ordem do Cristianíssimo, o estava esperando com muita gente de guerra. Saiu (...) e finalmente chegou a Civita Vecchia (...). Neste lugar, o governador (...) lhe pediu que saísse a terra e ele não quis. João Baptista Leão (um criado de El-Rei Nosso Senhor que por seu mandado foi a Roma e havia sete anos que assistia naquelas partes) o veio ver e ele o mandou a Roma a prevenir o que era necessário para o caminho. Negociou João Baptista Leão e tornou de Roma e com ele vieram por mandado de Sua Santidade 450 cavaleiros corsos para o acompanhamento (...). Veio também o secretário da embaixada de França (...). Pôs-se o embaixador a caminho, onde achou infinitas carroças de portugueses, catalães, franceses e italianos que corriam a vê-lo. A uma légua de Roma saiu-lhe ao encontro o embaixador

de França (...) e logo lhe veio (...) o cardeal Nipote Francisco Barbarino o qual lhe mandou dizer que não entrasse de dia, porque o desgosto dos espanhóis e a alegria do povo não fosse causa de alguma inquietação. Ele assim o fez e às duas horas da noite entrou pela porta da cavalaria ligeira e dali mandou que a sua gente fosse andando (...) e sem estrondo (...) mas nem por isso deixou o povo de se alvoraçar, que homens e mulheres andavam como doidos pelas ruas gritando: *VIVA' L RE D. GIOVANNE' L'quarto!* Atrás de todos (...) foi o bispo, acompanhado (...) do embaixador da França, em cujo palácio fica hóspede, enquanto na praça Naona se prepara o seu palácio, que custa cada ano de aluguer 1400 escudos e nele se hospedavam sempre os embaixadores da Alemanha.

Pôs-se um retrato de El-Rei Nosso Senhor numa sala do palácio do embaixador de França, despoando-se Roma para o ver, e todos os pintores faziam infinitas cópias, que se compravam para adornar as casas em Roma e mandar a outras partes.

Fez o bispo uma grandiosa casa e está ordenado que vá para a quinta do papa Júlio e que dali faça entrada pública, para a qual se estavam acabando (fora muitos coches e galas), três librés, uma para o campo, outra para entrar em Roma e outra para entrar no sacro palácio.

Saiu um manifesto em italiano do direito de El-Rei Nosso Senhor (Fevereiro de 1642).

Enquadramento 3

Um mundo em que a administração régia fazia o seu papel, pelo que os portugueses se poderiam sentir seguros

Foi Sua Majestade visitar os armazéns e a Armada Real.

D. Fernando Teles de Faro foi nomeado capitão-mor da vila de Campo Maior (Dezembro de 1641).

Enquadramento 4

Um mundo em que as colónias portuguesas estavam ameaçadas

Da Bahia veio nova de que os holandeses, com uma esquadra, haviam ido a Angola. Porém, o general da Armada Holanda que assiste nesta cidade afirma que os Estados [Holanda] lhes não deviam

dar tal ordem e que quando lhes chegar a sua notícia lhes mandarão que despejem a praça (Dezembro de 1641).

Enquadramento 5

Um mundo em que os poderosos eram dignos de honras

Fez El-Rei Nosso Senhor mercê do Priorado do Crato ao Ilustríssimo Senhor Dom Rodrigo a Cunha, arcebispo metropolitano (Novembro de 1641).

Enquadramento 6

Um mundo em que os portugueses que lutavam nas guerras de Castela queriam regressar ao seu país novamente independente

Vieram algumas naus de França, as quais trouxeram muitos soldados portugueses que militavam por El-Rei Dom Filipe nas praças da Catalunha. (Maio de 1642)

Enquadramento 7

Um mundo de eventos sociais

Ao Domingo de Lázaro se celebrou nesta Corte o Auto de Fé. Junto ao quarto em que assiste a Rainha nossa Senhora se fabricou o teatro. Saíram a padecer três mulheres e três homens, um dos quais ia a morrer vivo por pertinaz. E às 10 horas da noite se acabou, depois de ter cansado os religiosos que lhe assistiam e a muitas pessoas. Grande parte deste dia estiveram El-Rei nosso Senhor e a Rainha nossa Senhora numa das janelas do Paço, que ficava sobre o teatro. A nova da Ilha Terceira, de que se fala (...) na gazeta do mês de Março, veio aos oito do mês de Abril no navio Sol Dourado. Foi de grande alegria para todo este povo. Repicaram-se os sinos. Cantou-se na capela real *Te Deum Laudamus*. Assistiram nas suas tribunas El-Rei nosso Senhor e a Rainha nossa Senhora. Veio em procissão o Senhor Arcebispo de Lisboa desde a Sé até à Igreja de Santo António, onde se disse uma missa votiva. Comeu El-Rei nosso Senhor em público, e fez mercê de mandar um prato ao capitão-mor Francisco de Ornelas da Câmara, e outro ao capitão Jorge de Mesquita (que trouxeram a nova)

dizendo-lhes a ambas palavras muito honrosas. À noite houve luminárias. E daí a dois dias saiu da Igreja da Sé uma procissão geral com o pendão da cidade e o Senado da Câmara e foi ao convento de São Domingos a dar graças por tão feliz acontecimento. (Abril de 1642).

Enquadramento 8

Um mundo de despreocupações

Véspera de Reis presenteou António Pessoa Campo ao Príncipe, que Deus guarde, um cavalo feito por ele com tal artifício que não somente no aspeto engana a quem o vê mas também nas ações: rinchá, endireita as orelhas, obedece ao freio, escarua, dá com as mãos nas cilhas, põe a anca no chã, dá coices, dá corcouos, faz chaças e curuetas, salta, golpeia, toma a andadura, trota, corre, passeia, volta a uma e a outra mão e faz tudo quanto a natureza ensinou a um ginete. A cor é endrina, a sela estardiota de veludo verde bordada de oiro com pedras preciosas. (Janeiro de 1642).

Enquadramento 9

Um mundo de prodígios e milagres conotados com a propaganda da restauração da independência

Num lugar da Beira se afirma que um homem, ouvindo dizer numa conversa de amigos que na feliz aclamação de El-Rei nosso Senhor fizera o crucifixo da Sé o milagre, que a todos é notório, disse se podia acaso a imagem do Senhor despregar o braço, e assim que acabou de dizer estas palavras caiu uma parede junto da qual estavam todos os da conversa e só a ele matou. (Novembro de 1641).

Na comarca de Miranda falou um menino mudo e disse: “Viva El-Rei Dom João IV”. Isto se sabe de certo e agora se está fazendo um instrumento de testemunhas por ordem da Sé de Miranda. (Fevereiro de 1642).

Enquadramento 10 **Um mundo de prodígios e milagres mas também de descobertas**

Neste mesmo dia foram uns homens do mar à Igreja de Nossa Senhora da Estrela a dar graças de um milagre que a Senhora fez, o qual foi o seguinte: Estando a naveta Nossa Senhora da Estrela na Baía de Todos os Santos, saíram uns marinheiros no batel afazer aguada, e no caminho investiu um monstruoso peixe, a quem alguns chamam espartarte e outros peixe-espada. Deu três botes no batel e com o bico passou de parte a parte, de modo que vendo os marinheiros que a perdição era infalível chamaram pela Virgem Nossa Senhora da Estrela e mal souu nos ares o seu Santíssimo nome o peixe suspendeu a fúria e se deixou estar manso e sossegado, de maneira a que se atreveram os marinheiros a pegar nele com as mãos, e ele se deixou atar com muitas cordas, até que com grande facilidade o trouxeram vivo a terra, onde depois de o matarem lhe arrancaram o bico (o qual estava atravessado no batel de um bordo ao outro e era muito comprido e à maneira de serra) e o trouxeram consigo para oferecerem à Senhora em memória deste milagroso acontecimento. Hoje está dependurado na Sua Igreja, na capela-mor do Santíssimo Sacramento. (Fevereiro de 1642).

Enquadramento 11 **Um mundo de belas letras e novos conhecimentos**

Acabou-se de imprimir o livro intitulado *Summa Universae Philosophie*, composto pelo padre Baltazar Teles, da Companhia de Jesus. Obra muito desejada e que inclui com grande erudição tudo o que há na Filosofia. (Dezembro de 1641).

Enquadramento 12 **Um mundo de intempéries, catástrofes e acidentes**

Quase todo este mês ventou, choveu e nevou, e fez muito dano a tempestade. Caíram no bairro de São Paulo umas casas, onde morreram duas pessoas. Arruinou-se o recolhimento de São Cristóvão e as órfãs se mudaram para uma casa junto à Igreja de São Vicente. Cresceu a água da chuva,

de maneira que na Rua dos Canos se afogou um homem e morto veio pelo cano Real sair ao Terreiro do Paço. Junto ao baluarte da carreira dos cavalos caiu um raio. (Janeiro de 1642).

Enquadramento 13 **Um mundo de crimes**

Junto à Praça dos Canos, no entreforro de umas casas que estavam vazias, achou-se um saco, dentro do qual estava uma mulher feita em quartos. Tirou-se devassa, mas não há notícia até agora do delinquente. Presume-se que seu marido a matou. (Fevereiro de 1642).

Enquadramento 14 **Um mundo de normalidades: a vida e a morte**

Morreu o padre Diogo de Hereda, aquele raro pregador da Companhia. Causou geral sentimento a sua morte pelo muito que perderam os púlpitos de Portugal. (Dezembro de 1641).

Discussão de resultados

A *Gazeta* dá uma imagem do mundo certamente semelhante àquela que encontramos em jornais contemporâneos. Havia guerra no mundo, ontem como hoje; ontem como hoje, havia estratos socialmente mais “relevantes” do que outros, e as vidas de algumas “pessoas de condição”, nomeadamente das famílias reais, eram acompanhadas a par e passo pelos jornais, sendo de destacar os eventos sociais, muitos deles religiosos, que preenchiem parte da vida dessas pessoas (e por vezes também do povo comum), e que eram, igualmente, cobertos; havia crimes e castigos; nascimentos, celebrações, mas também doenças e morte; política e diplomacia; tempestades; catástrofes; acontecimentos insólitos; publicação de livros. Em suma, o mundo seiscentista não espanta demasiado os homens de agora, como certamente não espantaria muito alguém de tempos mais recuados. Há uma certa constância nas sociedades humanas...

No entanto, comparando as narrativas da *Gazeta* com as do jornalismo contemporâneo sente-se, apesar de tudo, um certo tom arcaico nas primeiras,

pois a forma como os portugueses de seiscentos vivenciavam e compreendiam o mundo era distinta da forma como os portugueses contemporâneos vivenciam e olham para esse mesmo mundo, continuamente transformado por ação do homem e da natureza. A religiosidade, o valor da fidelidade ao Rei, a estratificação social extremamente marcada e aparentemente aceite como “natural”, os acontecimentos hoje desaparecidos do horizonte, como os autos de fé, entre outros, são alguns dos sinais que, presentes no discurso da *Gazeta*, a afastam das tonalidades discursivas de um jornal contemporâneo, pois o discurso de um jornal é, também ele, fruto do contexto e da conjuntura.

A sensação de arcaísmo agudiza-se pela forma como era manejada a língua portuguesa (atenuada nesta análise para facilitar a leitura dos exemplos) e também, por exemplo, do relato de pormenores e das justificações que são dadas para os fatos. Por exemplo, sobre as celebrações do Domingo de Lázaro, o redator explica que as festas terminaram às dez horas da noite porque os religiosos da Inquisição estavam cansados de tanto torturarem um pertinaz que demorou a morrer.

Outra tonalidade arcaica do discurso transparece da mistura de assuntos nas notícias que se sucedem umas às outras, incomum nas notícias contemporâneas. Uma notícia das celebrações do Domingo de Lázaro, por exemplo, é seguida pela notícia da chegada de boas-novas dos Açores. Essas boas-novas, no entanto, não são explicadas, remetendo-se o assunto para um número anterior da *Gazeta*, o que implica que o leitor necessitasse de ter conhecimento do contexto informativo para compreender o que lia. Por outro lado, desvela que na mente dos redatores da *Gazeta* se imaginava o leitor como leitor assíduo do periódico.

Registe-se que, para um discurso poder ser entendido como verdadeiro, tem de haver correspondência entre o facto e a representação discursiva desse facto. Ora, excluindo-se os relatos de milagres, o mundo que, no global, transparece do discurso da *Gazeta* é bastante indiciador da situação real, podendo, assim, ser considerado um discurso verdadeiro, no sentido que evidencia e indicia os contrastes do mundo seiscentista. A guerra, por exemplo, contrasta com as festas sociais, com os eventos religiosos (dos mais importantes eventos sociais na sociedade seis-

centista) e até com episódios peculiares ilustrativos do bem-estar, algo despreocupado da nova Família Real portuguesa, como aconteceu com a oferta de um cavalo mecânico ao Príncipe das Beiras, D. Teodósio.

O principal acontecimento em desenvolvimento para os portugueses da época, a Guerra da Restauração, emerge do discurso da *Gazeta* como a guerra que, de facto, foi: uma guerra de pequenas escaramuças na raia fronteira, roubos e destruição de povoações, bastante longe da imagem de guerra heroica que um relato epopeico certamente daria. De fato, a *Gazeta* noticia episódios da atuação das tropas beligerantes, incluindo os atos cruéis por elas perpetrados (de ambos os lados).

Pela leitura da *Gazeta* observa-se uma guerra da Restauração em que se vão juntando conjuntamente homens para combater o inimigo e não uma guerra de exércitos profissionais. A estratégia militar não é alvo de grandes considerações e muito menos de análises, sendo, em alguns casos, referidas táticas usadas em combates específicos, nomeadamente emboscados e operações de reconhecimento. Também é referida a tática da devastação, própria de uma época em que não existiam grandes preocupações pelos civis, em especial quando os redatores da *Gazeta* falam da destruição e saque de povoações. As descrições da guerra na *Gazeta* também pouco têm de epopeia, antes procuram salientar o valor e a argúcia dos portugueses. De qualquer modo, deve dizer-se que os relatos da guerra da Restauração, como o do exemplo escolhido, são, geralmente, muito vivos, de uma forma que não desdenharia aos jornalistas contemporâneos e mesmo aos escritores de ficção histórica.

Do discurso sobre a guerra, que tende a acentuar a distinção e separação entre o “nós” e o “eles”, emerge, por outro lado, a noção de vinculação territorial à “nação”, marca identitária dos que têm nascimento comum e ideia telúrica.

Diga-se, em acréscimo, que os relatos do conflito bélico e, por vezes, mesmo os relatos sociais, surpreendem o leitor do século XXI pelo retrato de uma sociedade cruel em que a vida humana tinha pouco valor. Nas celebrações do Domingo de Lázaro, por exemplo, um prisioneiro foi sentenciado à morte.

Também importante no discurso sobre a guerra é a atribuição simbólica de funções à nobreza, já que normalmente são os nobres comandantes – muitos deles oriundos da pequena nobreza – que são referidos nominalmente. A proteção do Reino emana, assim, do discurso da *Gazeta* como uma condição para a legitimidade da nobreza como grupo detentor de direitos especiais num contexto social de forte compartimentação. Inclusivamente, a *Gazeta* refere os nobres portugueses como capazes de feitos militares inigualáveis sobre os estrangeiros. Aliás, a legitimidade da nobreza é reforçada pelas referências a “pessoas de condição” pontualmente espalhadas pela *Gazeta*, o que promove a separação simbólica entre quem tem “condição”, ou seja, um estatuto social elevado, e quem não a tem.

Outro fator a ter em conta no enquadramento do mundo promovido pelo discurso da *Gazeta* é a inclusão de notícias domésticas, do ultramar e do estrangeiro. Essa “mistura” reformularia continuamente, para o leitor de seiscentos, os quadros de referência do mundo e o próprio sentido de pertença a comunidades. O estrangeiro, em particular os espaços onde se jogava a diplomacia portuguesa e o destino de Portugal independente, passa, com a *Gazeta*, a fazer parte da topografia referencial e contínua dos portugueses.

Transparece ainda do discurso da *Gazeta* uma espécie de nacionalismo ao mesmo tempo próprio e cosmopolita, continental e ultramarino, fechado em si mesmo e de vocação atlantista e mesmo mundialista, *glocal*, numa síntese que perduraria até a transferência da soberania de Macau, último resquício do Império Português, para a China, no final do século XX. De facto, a *Gazeta* terá contribuído, à sua maneira, para a propagação de uma ideologia não apenas justificativa da Restauração, mas também nacionalista, de um novo nacionalismo, diga-se, já que era um nacionalismo cosmopolita, específico e ultramarino.

Com as notícias sobre a administração do Reino e sobre os esforços diplomáticos e militares portugueses, a *Gazeta* pretendeu, certamente, dar uma boa imagem da organização civil, militar e diplomática que a Casa de Bragança, enquanto casa reinante, deu ao país. Em particular, visou, certamente, acentuar as vantagens da independência de Portugal face a Espanha, quando comparadas com a Monarquia Dual.

Considerações finais

Numa perspectiva culturoológica, pode afirmar-se que a *Gazeta* oferece notícias que, por muito que indiquem e traduzam linguisticamente fenómenos reais, são também histórias e narrativas. Aliás, algumas das notícias da *Gazeta* são mera *ficção*, como acontece com as notícias sobre os milagres que mostrariam o favor divino para com D. João IV e a Restauração da Independência. Não se sabe se essas notícias, dada a sua raridade na *Gazeta*, são meras invenções do redator ou se serão apenas a tradução noticiosa de boatos que terão circulado na altura e nos quais o redator, religiosamente crédulo, de acordo com o contexto da época, teria acreditado. Os enunciados da *Gazeta* refletem, assim, os fenómenos reais ou julgados reais com os quais o redator travou conhecimento e selecionou para serem notícia, à luz de critérios de relevância informativa. Porém, as notícias da *Gazeta* refletem, também, a forma de olhar para o mundo própria das elites independentistas do Portugal do século XVII e dão pistas para se entender o que para elas era importante e quais os seus valores. Seguindo Schudson (1988; 1995), poder-se-ia notar aqui um encaixe das notícias da *Gazeta* em estruturas pré-existentes para a interpretação e significação do mundo.

Um dos primeiros autores a enfatizar a ideia de que as notícias são histórias com história e produzidas numa determinada cultura foi Robert Darnton (1975). Para ele, as notícias são eternas, no sentido de serem sobre o que sempre foi notícia: política, desastres, pessoas famosas, etc. É o que acontece na *Gazeta*. Factos e histórias são constituídos em interação: em jornalismo, os factos são sempre uma *história dos factos*, ainda que com fundamento real. As histórias jornalísticas, ou seja, as notícias, baseiam-se em factos, e os factos necessitam das histórias, ou seja, de notícias, para “existirem”. Mais do que isso: as notícias, ou histórias jornalísticas, são montadas a partir de factos disponíveis e relevantes. O jornalista demonstra a sua capacidade sabendo como encontrar os factos mais relevantes e interessantes e sabendo como montar a notícia, como uma história, a partir deles. Em suma, o jornalista demonstra a sua capacidade reconhecendo quando está perante uma boa história e sabendo narrá-la. Os redatores da *Gazeta* descobriram (ou contaram-lhe) essas boas histórias,

normalmente relatos sobre acontecimentos reais, e tiveram a capacidade de narrá-las como boas histórias, conquistando os leitores e usando os enquadramentos do mundo próprios da época para incrementar o interesse dos receptores. Afinal, uma história bem contada é sempre uma história bem contada e para ser bem contada cada enunciador tem de ter em conta o que se conhece, nomeadamente o que já constitui *acervo público de conhecimento*, e o que é desconhecido.

Acentuando as explicações culturológicas para as notícias, Michael Schudson (1988) diz que estas podem ser vistas na perspetiva dos géneros literários, assemelhando-se a romances, tragédias, comédias e sátiras. E há na *Gazeta* uma percentagem significativa de notícias bélicas, funcionando, portanto, como *romances de ação*, mas também *tragédias*, devido aos custos humanos e materiais que a guerra provoca. As *gazetas* devem, assim, parte do seu interesse, desde a perspetiva do leitor, à variedade temática (que evita o aborrecimento e promete que todos os leitores terão pelo menos uma notícia que lhes agrade entre na *Gazeta*), ao facto de narrarem excelentes tragédias (as calamidades, as mortes), misturadas com curtos romances de ação (as batalhas) e leves contos de sociedade (as visitas do Rei, a vida dos famosos, o presente ao príncipe). Elas misturam drama (tragédias pessoais, sofrimento), ação (combates), morte, exotismo (países e povos diferentes). Desvelam episódios da vida de personagens reais da elite aristocrática seiscentista de Portugal, em especial a ação dos independentistas conjurados. Estimulam a imaginação, fazem o leitor viajar mentalmente por outros lugares e tempos, revivendo simbolicamente aventuras e tragédias, comovendo-se ou regozijando-se com o destino de algumas pessoas. Permitem a personalização do relato, ao narrarem dramas ou atos heroicos individuais de figuras da época. Ou seja, obedecem a vários critérios de noticiabilidade, tal e qual as notícias sempre obedeceram. Contribuem para o leitor viver a aventura por interposta pessoa, conhecer lugares distantes pela pena do “jornalista”, participar indiretamente nas guerras da Independência.

A *Gazeta* satisfaz, enfim, a *curiosidade humana*, cumprindo pois um papel que as notícias sempre tiveram.

Referências

- BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Éditions du Minuit, 1984.
- CAREY, J. Communication and culture. **Communication Research**, 2, 1975.
- CAREY, J. Some personal notes on US journalism education. **Journalism**, vol. 1, n.1, 2000.
- DARNTON, R. Writing news and telling stories. **Deadalus**, n.104, 1975.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. 3.ed. London: Polity Press, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997 [edição original de 1970].
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 1999 [edição original de 1975].
- GAMSON, W. News as framing. **American Behavioural Scientist**, n.33, 1989.
- GITLIN, T. **The whole world is watching**. Berkeley: University of California Press, 1980.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis**. An Essay on the Organization of Experience. Boston: Northeastern University Press, 1975.
- LULE, J. **Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism**. New York: The Guildford Press, 2001.
- SCHUDSON, M. Porque as notícias são como são. **Comunicação e Linguagens**, n.º 8, 1988.
- SCHUDSON, M. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- SCHUDSON, M. The sociology of news production revisited. In: CURRAN, J.; GUREVITSCH, M. (Eds.) **Mass media and society**. London: Edward Arnold, 2000.
- SOUSA, J. P. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.
- TRAQUINA, N. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

Recebido em: 30 de julho de 2012

Aceito em: 4 de setembro de 2012